



Carta do Ministro Geral

Mauro Jöhri OFM Cap

LEVANTA-TE E CAMINHA!

29 de novembro de 2010

© Copyright by:
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70
00187 Roma
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710

fax. +39 06 48 28 267

www.ofmcap.org

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap

info@ofmcap.org

Roma, A.D. 2016

Sommario

1. Formar-se continuamente – por que?	7
1.1 Uma questão de fidelidade	7
1.2 Cada idade tem o seu desafio	8
1.3 Busquemos ajuda	10
1.4 A fé que muda.....	11
2. As modalidades de um caminho dinâmico de Formação Permanente	14
2.1 Um projeto unificador	14
2.2 Disponhamo-nos a enfrentar juntos os novos desafios	15
2.3 Crescimento espiritual	17
2.4 Preparar as pessoas.....	17
2.5 Quais temas a tratar?	19
2.6 Jerusalém: uma nova oportunidade	20
3. Concluindo.....	22

CARTA CIRCULAR A TODOS OS FRADES DA ORDEM NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO PERMANENTE

(Prot. N. 00771/10)

Levanta-te e caminha!

Caros confrades, *o Senhor vos dê a paz.*

1. Há dois anos atrás escrevendo a Carta Circular, “Reacendamos a chama do nosso carisma”, falando da formação inicial, eu quis chamar a atenção sobre a doação de nós mesmos como a base de toda a nossa vida. Naquela Carta eu insisti particularmente sobre o itinerário a ser seguido por quem abraça a nossa vida, para que a nossa consagração a Deus e à humanidade não fique só em palavras mas se torne uma atitude que perpassa todas as nossas ações. Neste sentido, quando eu falo de “formação”, me refiro a uma dimensão que vai muito além da transmissão de alguns conteúdos ou informações sobre a nossa vida. Trata-se de uma verdadeira e apropriada “iniciação”. A transmissão dos valores só atinge a sua meta, no momento em que tais valores são integrados de modo a orientar cada escolha e cada gesto.

Nesta nova Carta quero examinar com vocês o tema da Formação Permanente com a mesma abordagem de antes. A nossa vida de frades capuchinhos encontra seu sentido mais profundo e pleno quando é uma vida doada. Sublinho desde já, que a minha meta é a de favorecer em primeiro lugar, a participação daquilo que é proposto nas Circunscrições como Formação Permanente e solicitar, onde for preciso, a sua renovação e aperfeiçoamento. Relembro que a nossa Ordem em 1991¹ elaborou um “Plano Geral de Formação Permanente” e atualmente estão sendo lançadas as bases para a elaboração de uma *Ratio Formationis* para toda a Ordem². Este fato dispensa-me de tratar nesta Carta da distinção entre formação inicial, formação específica e Formação Permanente. A futura *Ratio formatonis*,

¹ Cfr. *Plano Geral de Formação Permanente dos Frades Menores Capuchinhos, Analecta OFM Cap 107* (1991), 441-462.

² Cfr. *Carta Circular IV: Reacendamos a chama do nosso carisma.*

na realidade, tratará de modo específico do assunto, enquanto a Proposta do texto do IIº capítulo das Constituições, que a Comissão elaborou, trata explicitamente do tema.

1. Formar-se continuamente – por que?

1.1 UMA QUESTÃO DE FIDELIDADE

2. Na carta sobre a formação inicial eu insisti em sublinhar, que o caminho formativo inicial deve assumir a conotação de uma progressiva “iniciação” à nossa forma de vida franciscano-capuchinha. Naquele contexto lembrei a urgência de se ter formadores coerentes, evidenciando que todos temos uma responsabilidade neste aspecto de nossa vida. Escrevia: “É este, um campo onde não é possível assumir uma posição de neutralidade: ou somos formadores ou nos tornamos deformadores!” (nº 14). Pode parecer um jogo de palavras, mas para poder “iniciar” alguém numa forma de vida é preciso que nós sejamos “iniciados”, uma capacidade que não se adquire uma vez para sempre. É interessante o que afirma a este respeito o Servo sofredor do livro de Isaias: “Toda manhã o Senhor Deus desperta meus ouvidos para que, como bom discípulo eu preste atenção.” (Is 50, 4). Com esta nova carta quero dar pistas para nos renovarmos continuamente e convidar-vos, caros confrades, a levar a sério o nosso ser frades, conscientes da responsabilidade de sermos apoio um para o outro. Ao lado do aspecto da responsabilidade há também o aspecto do dom, sendo por isso chamado a alegrar-me com o exemplo edificante que me vem do outro. Isso dá vida às palavras do salmo 133,1: “Oh! como é bom, e como é agradável os irmãos morarem juntos!”.

3. Tendo respondido ao chamado do Senhor e abraçado a vida religiosa em nossa Ordem, cada um de nós declarou querer fazer de sua vida uma doação e uma doação a ser atualizada continuamente. Não faltando de certo, os momentos em que tudo é pesado e nos quais, sem querer, acontece de nos fecharmos em nós mesmos e nos retirarmos da luta. Isso acontece com todos! Porém, se ocorre com muita frequência, tornando-se como que um hábito, imperceptivelmente renunciamos o que prometemos e a nossa consagração termina assumindo o aspecto de uma árvore ressequida, que não dá fruto! Neste sentido creio que vale também para nós, aquilo que André Louf afirma sobre o monaquismo: “é uma realidade encarnada na humanidade e no tempo, e portanto permeada de dinâmicas que a arrastam para baixo”³. Uma razão a mais para que permaneçamos vigilantes.

³ A. LOUF, *Cantare la vita*, Magnano 2002, 35.

4. É importante que cada um dedique um tempo para revigorar as energias. Tempo de silêncio, tempo para si mesmo. Tempo que tem o objetivo de viver bem e melhor aquilo que prometemos. O nosso raciocínio deveria ser este: “Exatamente porque os meus irmãos estão em meu coração e porque desejo que encontrem em mim um bom companheiro de viagem, de tempo em tempo faço alguma coisa para mim!”. A Formação Permanente tem a ver em primeiro lugar com a vontade de renovar-se quanto ao que está no âmago de nossa escolha de vida de consagrados: a doação de nós mesmos! Em segundo lugar, ela deve prestar atenção à atualização profissional, para que a missão a nós confiada seja desenvolvida com a necessária competência. Este aspecto é consequencial ao primeiro. As nossas Constituições assim se exprimem:

A formação permanente, embora refira-se de modo unitário a cada pessoa, tem duplo aspecto: é uma conversão espiritual por uma contínua volta às fontes da vida cristã e ao espírito primigênio da Ordem com sua adaptação aos tempos; e é também uma renovação cultural e profissional... (Const. nº. 41, 2).

1.2 CADA IDADE TEM O SEU DESAFIO

5. A Formação Permanente tem muito a ver com a nossa consagração e o seu porvir. Cada um de nós, como observador atento do que se passa ao redor de nós e dentro de nós mesmos, mais cedo ou mais tarde conclui que a vida o chama amiúde a dar um novo passo. Dir-se-ia que existem etapas e que cada uma delas está ligada a desafios específicos. Alguns afrontam-nas com agilidade, outros vencem com muita dificuldade e há até quem se recusa a dar o passo que lhe é pedido. A comparação mais evidente, me parece ser aquela da velhice e com ela a capacidade de aceitar serenamente a realidade ditada pela limitação de nosso organismo. Acolher a velhice sabendo redimensionar as atividades, de acordo com as tantas limitações que a idade impõe, faz parte daquilo que todos mais cedo ou mais tarde seremos chamados a viver. Sem dúvida, há também quem envelhece mal, quem não está disposto a deixar nada daquilo que sempre fez, ou quem sempre lamenta ter passado dos 40 anos de idade e não é capaz de um olhar pleno de gratidão sobre quanto lhe foi concedido realizar em todos os seus anos de vida. Existem pessoas que se sentem diminuídas pelo fato de não serem mais capazes de realizar todo aquele grande volume de atividades que sempre

fizeram. Neste sentido é evidente que a vida chama cada um pessoalmente a dar um passo, não óbvio, nem tão fácil.

6. Cito passagens⁴ sobre este tema, mas certamente existem muitas outras. Indico aqui brevemente alguns dos pontos mais importantes. Para quem terminou a formação inicial e específica é óbvio que deve poder passar para uma fase em que lhe seja dada a possibilidade de realizar projetos, de empenhar-se a fundo e de sentir-se vivo através da atividade. Deve poder pôr em prática aquilo que aprendeu! Sentindo a exigência de mergulhar na atividade e se caso isso não lhe fosse concedido, sentir-se como que tolhido de algo vital e que lhe pertence. Com o passar do tempo, a pessoa sentirá a exigência interior de passar desta fase de múltiplas atividades, a uma escolha voltada para ações particularmente significativas. Toma lugar o desejo de pôr a própria vida a serviço de uma causa que tenha sentido e para a qual valha a pena empenhar-se com todas as suas forças. É o momento dos grandes projetos, quando se está disposto a doar-se profundamente a uma causa. A quem se lança com todo o empenho, num projeto de vasta dimensão, cedo ou tarde – é algo inevitável – não faltarão as decepções. Deverá tomar consciência de que a realidade humana, onde todos estamos incluídos, é marcada por muitos limites. Quem aprende a aceitar progressivamente a realidade tal como ela é, sem se desesperar, e prossegue seu caminho não obstante tudo, dá um passo importante para uma maior maturidade humana.

Através destas etapas a pessoa se enriquece interiormente, adquire uma sabedoria de vida, que oportunamente porá à disposição dos outros. Viverá esta fase da vida com um sentimento de profunda satisfação. De fato, não somos “consagrados” unicamente para nós mesmos, mas para dar a nossa contribuição à humanização do mundo e para agilizar a realização plena do Reino. Chegados ao limiar dos 60 anos de idade e já tendo ultrapassado a metade do tempo posto à nossa disposição, abandonemos os grandes projetos para pôr-nos ao serviço de quem está naquela fase. A nossa atenção se concentrará nas necessidades das pessoas com as quais partilhamos a vida e na mobilização de nossa criatividade, para contribuir para o sucesso do projeto de um outro confrade. Alegremo-nos em ver crescer uma causa e em ver as pessoas avançarem nas realizações de seus projetos.

⁴ Cfr. sull'argomento J. GUINDON, *Vers l'autonomie psychique*, Montréal 2001, 112-119; G. SALONIA, *Odòs la Via della vita. Genesi e guarigione dei legami fraterni*, Bologna 2007, 122-145.

1.3 BUSQUEMOS AJUDA

7. É fundamental poder recorrer a pessoas que nos ajudem a enfrentar cada etapa deste longo e fascinante caminho da vida. Alguém que nos permita parar e lançar um olhar sobre o caminho percorrido. A vida é um dom e ela exige ser vista e apreciada em toda a sua riqueza. Tudo é dom de Deus, inclusive tudo aquilo que me é dado viver e realizar. Por isso deve ser restituído⁵ ao doador de todos os dons. Mas é também verdade que não posso restituir senão aquilo de que estou consciente e de que percebo como tal. A Formação Permanente deve ajudar-nos a crescer nestas dimensões. É a vida mesma que nos forma e nos pede para mudar, para adequar-nos. Muitas vezes, sem uma tomada de consciência clara, sem a consciência das mudanças ocorridas em torno de nós e dentro de nós mesmos, não conseguimos realizar de modo ágil e desenvolto determinadas mudanças. Eis porque precisamos uns dos outros e porque, às vezes faz bem encontrar quem tem uma preparação específica nestas áreas e pode facilitar-nos o caminho. Trata-se de uma verdadeira e própria aprendizagem que incide sobre nossa vida e que contribui para fazer-nos sentir bem pelo que somos, felizes por termos chegado ao ponto onde estamos e desejosos de partir para uma nova etapa.

8. Tudo quanto delinee até aqui refere-se em primeiro lugar a um percurso antropológico que o ser humano é chamado a atravessar nas várias etapas da vida, como um caminho de crescimento que só terminará com a chegada da irmã morte. Um caminho que prevê dois componentes fundamentais: o de um progressivo destaque e o de espaços de interiorização sempre mais amplos. A passagem de uma multiplicidade de realizações a poucos projetos significativos, o abandonar progressivamente as expectativas em relação a si e aos outros, para uma aceitação da realidade das coisas e das pessoas tal como são, importa uma longa série de renúncias. Abandonar as expectativas projetadas tanto sobre outros como sobre mim mesmo, para encontrar-me dentro de um quadro bem mais aderente à minha realidade e à dos outros. Permitir tanto a mim mesmo, quanto ao meu irmão de não ser perfeito ou de faltar com a coerência. No dia em que eu for capaz de fazer isto, eu terei conquistado um valor que antes não tinha e nem podia ter. Contemporaneamente a este progressivo destaque, cresce a exigência de dispor de tempos mais longos para parar e ocupar-se de uma série

⁵ Francisco frequentemente nos convida a restituir a Deus, tudo o que Dele provém. Cfr. *Regra não bulada*, XVII, 17, FF 49.

de coisas e de seu evoluir. Há um caminho de interiorização que se leva a termo e requer seja ampliado. A vida de nosso Seráfico Pai São Francisco é uma ilustração muito pertinente do quanto eu descrevi: retirava-se com frequência para lugares afastados e ali transcorria muito tempo em oração.

1.4 A FÉ QUE MUDA

9. A vida de fé de cada um, assim como a nossa vocação, são chamadas para percorrer o caminho de uma constante e profunda transformação. O nosso modo de crer e de viver a consagração aos 60 anos (tomo esta referência porque é a mais condizente com a minha realidade) é bem diferente de quando tínhamos 30 anos de idade. Depois de uma fase marcada por grandes entusiasmos e pela vontade de mudar radicalmente todas as coisas, progressivamente passamos pela fase de um verdadeiro redimensionamento. Existem os limites dos irmãos com os quais partilhamos a vida e também os de cada um de nós. Talvez existam também quedas, literalmente quedas do cavalo como diz São Paulo e fiz a experiência de ter me afastado do caminho que eu escolhi. Talvez alguém passou por um período de verdadeira tibieza no qual tudo parecia ter se tornado insípido. Acreditava ter perdido o rumo. Mas é também verdade que ao longo deste caminho acidentado eu encontrei o Senhor que de novo me dirigiu o convite: “Levanta-te, e anda!”. Dei-me conta de que a minha fidelidade tinha vacilado e somente graças à intervenção do Senhor, eu pude voltar a caminhar agilmente.

Certo, depois de ter vivido tudo isso, me sinto mais frágil e vulnerável, mas estou certo de ter experimentado na minha pele coisas significativas, de ser um pecador, mas um pecador reconciliado! Não quero afirmar com isso que o Senhor não tenha estado presente também na minha vida antes, quero apenas dizer que a consciência da Sua presença hoje é diversa e certamente mais profunda. E me dou conta também, de que o meu próprio modo de crer sofreu uma mudança. De fato, diferentemente do passado, agora sou muito mais centrado na confiança incondicional em Deus do que na repetição de simples conteúdos. Tornei-me menos formal e vejo como cresceu a dimensão relacional. Nenhum de nós está livre destes percursos de amadurecimento. Podem ter acontecido crises no campo afetivo, e por conseguinte, nos afastamos da fraternidade, talvez por nos sentirmos incompreendidos. Graças ao apelo

afetuoso de um irmão que teve a bondade de chamar-nos, reencontramos o caminho e somos gratos a ele e não deixamos também de agradecer a Deus pelas pessoas que nos fez encontrar. Tudo isso nos formou e continua a nos formar.

10. Embora tratem-se de dimensões que, em modos sempre diversos, tocam cada um de nós, geralmente tendemos a fazer um mistério. Não seria preferível, chegar a abrir-nos uns aos outros, ao ponto de fazer disso um tema de diálogo fraterno que até poderia ser tratado dentro de nossos capítulos locais? Felizes os que encontraram um bom diretor espiritual e uma fraternidade respeitosa e acolhedora de tudo e de todos! Estou mesmo seguro de que algumas coisas aconteceram só comigo e por isso não poderei jamais falar delas com os irmãos, sob pena de perder a dignidade? Visto e considerado que participamos todos da mesma humanidade frágil, o que nos falta para darmos o passo seguinte em direção aos outros para chegarmos a uma maior e recíproca abertura na fraternidade? Para que esse tipo de partilha seja possível, é evidente que deve ser criado um clima de profundo respeito recíproco, onde cada um possa sentir-se acolhido e jamais julgado, ou pior ainda, condenado.

11. Com o que escrevi até agora, eu quis ilustrar a afirmação central das nossas Constituições quando falam da Formação Permanente como um “processo de renovação pessoal e comunitária”, destinado a “tornar-nos idôneos a viver sempre a nossa vocação, segundo o Evangelho na realidade concreta de cada dia”. As mesmas Constituições indicam a vida quotidiana em fraternidade como o lugar eminente de formação permanente (*Const.* nº 43, 3). De fato, ao lado do ritmo dos momentos comunitários existe também todo o caminho a ser percorrido pelo irmãos, na aceitação e na estima recíprocas. No mais das vezes queremos que seja o irmão a mudar, esquecendo-nos do convite de São Francisco a não pretender que o outro se torne um cristão melhor. O único terreno onde temos certeza de que é possível realizar mudanças é exatamente o nosso!

12. A vida fraterna nos coloca em condição de trabalhar sobre nós mesmos e isto nos torna normalmente mais compreensivos e também mais disponíveis em relação aos outros. Deste tipo de transformação lenta e progressiva poderão aproveitar todas as pessoas que se relacionam conosco. Por isto, gosto de insistir para que ninguém se dispense do esforço de viver em comum. Justamente as Constituições afirmam que a vida comum favorece muito a Formação

Permanente. Isto nos ajuda a crescer num tipo de relação que podemos dizer que realmente “liberta” e que é fruto, tanto da graça, como do empenho de cada um dos membros da fraternidade. Trabalhar sobre si mesmos requer muito esforço, mas é uma condição indispensável para atingir um maior grau de maturidade humana, mormente na relação com os outros. Quantas vezes me acontece de acusar alguém de meu mal estar! Agindo deste modo, sem ao menos dar-me conta, atribuo aos outros um poder enorme em relação a mim e de modo negligente me ponho no papel de vítima. Todas as nossas tentativas de mudar os outros constituem tempo perdido! As relações no seio de uma fraternidade melhoram a partir do momento em que alguém começa a trabalhar sobre si mesmo, sem pretender que os outros façam o mesmo. Constatando a mudança, os outros começarão também a mudar.

13. As nossas Constituições no nº 43, 3, com brevidade de palavras mas com clareza, nos recordam qual é o lugar privilegiado da Formação Permanente: “*O sistema de vida cotidiana favorece bastante a formação permanente. De fato, a primeira escola de formação é a experiência diária da vida religiosa, no ritmo normal da oração, da reflexão, da convivência e do trabalho.*” O mesmo conceito é confirmado com força por Amedeo Cencini numa sua publicação recente sobre a vida consagrada, ele escreve:

A formação permanente, como já deve ser claro para todos, não consiste nos cursos extraordinários, ou nos três dias ou nas semanas de atualização cultural e pastoral esporádicas, e nem mesmo nos encontros espirituais periódicos; consiste, antes de tudo, na ação do Pai que a todo instante procura plasmar em nós a imagem do Filho, e na conseqüente e constante disponibilidade de acolher esta ação do Pai. Portanto formação permanente é já em si dinâmica relacional, relação com Deus; mas não só com Ele, porque se a obra está nas suas mãos, então toda situação de vida, toda circunstância, todo período existencial, todo acontecimento, positivo ou negativo – do nosso ponto de vista – sobretudo todo contexto humano, toda comunidade, acolhedora ou não, toda pessoa, todo confrade, santo ou pecador que seja, toda relação se torna mediação desta vontade do Pai de formar no discípulo os sentimentos do Filho.⁶

⁶ A. CENCINI, «Guarate al futuro...» *Perché ha ancora senso consacrarsi a Dio*, Milano 2010, 95.

2. As modalidades de um caminho dinâmico de Formação Permanente

2.1 UM PROJETO UNIFICADOR

14. A Formação Permanente deveria contribuir tanto para o crescimento de cada frade como também para o de toda a fraternidade. Às vezes encontrando fraternidades tenho a sensação de uma grande fragmentação. Estamos todos empenhados em alguma ação, pois um é pároco, outro se ocupa da portaria, tem um que sai para dar aulas, mas é como se faltasse o elemento que mantém o todo unido. Pode-se dizer que é pequeno o senso de nossa missão comum. Fazemos muitas coisas, por fazer, mas perdemos a consciência de possuir um carisma específico e com esse o mandado de contribuir ativamente para a transformação deste mundo num mundo mais fraterno. Dou um exemplo. Exatamente porque nós temos no coração a vida fraterna enquanto tal, em todas as nossas atividades deveremos promover a colaboração, colocar os outros em condição de experimentar quanto é bom ser solidários e sentir o apoio mútuo. Poderemos agir de modo mais eficaz fazendo nosso um simples lema como este: “Empenhemo-nos em criar um mundo mais fraterno!”. Neste caso todo membro da fraternidade deveria sentir-se empenhado em traduzir na prática o imperativo expresso no lema citado acima e este no âmbito de seus esforços específicos. Estou convicto de que isto terminará por influenciar seja no modo de desenvolver o trabalho pastoral seja no modo de acolher quem bate à nossa porta e mesmo no modo de ensinar. Estaremos empenhados em várias frentes mas sempre animados por uma profunda comunhão entre nós. Nos sentiremos portadores de uma mensagem e de um modo de fazer, destinado a conseguir uma transformação da realidade seja onde for e em qualquer atividade que façamos. Para que isso possa acontecer é preciso dialogar muito, fazendo do Capítulo local um lugar de diálogo e de planejamento de como realizar os nossos desejos comuns.

15. Agindo conscientemente de modo a perseguir uma meta única, torna-se também mais fácil entrar em diálogo comunicando uns aos outros as experiências, as dificuldades encontradas ao longo da caminhada, as belas surpresas do caminho feito. Quero dizer que seja como Circunscrição, seja como fraternidade local, temos necessidade de viver um planejamento construtivo, profundamente conscientes de que temos alguma coisa de válido para levar às pessoas que encontramos. Para que isto aconteça é oportuno que nos Capítulos

Provinciais e locais se reflita sobre um aspecto específico da nossa missão e se formule um lema que oriente o nosso agir, que se torne o elemento dinamizador e motivador do empenho tanto da fraternidade como de cada frade. De tempos em tempos devemos nos fazer a pergunta “O que queremos viver? O que queremos levar às pessoas? Como desejamos estar presentes na Igreja e colaborar para o advento do Reino de Deus?”.

Devemos ousar dar-nos respostas concretas, formulando uma frase que seja apoiada num verbo dinâmico e direcionada para mudar alguma coisa. É evidente que conforme os contextos culturais, a ênfase será posta diversamente. Querendo promover por exemplo, um mundo mais fraterno, daremos ênfase nos campos da sociedade onde o conflito é mais acentuado: entre residentes e imigrantes, entre os membros de diversas classes sociais, entre os pertencentes aos vários grupos tribais e assim por diante. Somos chamados a contextualizar para fazer avançar de modo eficaz o fermento evangélico. No fundo trata-se de responder à simples pergunta: “Como capuchinhos, que meta queremos atingir através de nossa vida e de nossas atividades?”. A resposta deve ser possivelmente simples e direta e deve ser dada, seja pela Circunscrição, seja por cada fraternidade. Com muita facilidade supomos saber com exatidão aquilo que pensamos promover juntos como frades capuchinhos. Se num tempo queríamos ser sobretudo um apelo forte à conversão, hoje, num contexto histórico e social diverso, façamo-nos promotores de uma verdadeira fraternidade segundo o Evangelho. Primeiramente entre nós e onde quer que estejamos a trabalhar!

2.2 DISPONHAMO-NOS A ENFRENTAR JUNTOS OS NOVOS DESAFIOS

16. A nossa Ordem está vivendo passagens importantes e muito exigentes. Isto vale para as várias Circunscrições e para cada frade. As estatísticas nos dizem que de algum tempo a maior parte dos frades vive no hemisfério sul do mundo e enquanto a idade média dos frades no hemisfério sul é inferior a 50 anos, no hemisfério norte ela é exatamente o contrário. Isto significa que o norte, se quiser manter uma certa agilidade, deve redimensionar presenças e atividades, enquanto os frades do hemisfério sul devem procurar novos espaços de presença e de atividade para as forças jovens. É preciso também um discernimento cuidadoso na admissão à nossa vida, bem como a busca de fontes de sustento que permitam viver e caminhar para uma maior autonomia

econômica. O elevado número de vocações para nossa vida requer um acompanhamento formativo adequado. São diversos os desafios e cada área é chamada a fazer a sua parte. Constatamos por exemplo, que redimensionar não é fácil de nenhum modo. Graças à idade mais avançada atingida, em geral, pelos frades e graças à possibilidade de termos empregados, conseguimos estender por alguns decênios, muitas de nossas presenças. Mas esta não é a solução, pois claramente adiar não significa resolver. Com o projeto da Solidariedade de pessoal começamos a promover de maneira nova o encontro e a colaboração entre os frades dos dois hemisférios. Se antes o movimento era maior do norte para o sul, hoje dá-se o inverso. Isso não significa porém que o movimento do sul para o norte reflita de modo exato aquele de antes. É preciso considerar a dimensão do tempo passado e as mudanças ocorridas em muitos níveis na escala global, eclesial e também dentro de nossa Ordem. A diferença de antes, hoje aumentou a consciência das diferenças culturais e das dificuldades que surgem quando se pretende formar fraternidades interculturais. Querendo ou não, estes são processos já em ato e, de um modo ou de outro, eles atingem toda a realidade de nossa Ordem. Tanto as Circunscrições como cada frade, são chamados a provar uma renovada capacidade de adaptação e de abertura. A Formação Permanente não pode prescindir disto. Ela deve favorecer a cada frade individualmente, bem como a cada Circunscrição uma espiritualidade de verdadeira abertura ou, em outras palavras, a “itinerância franciscana”.

17. O frade capuchinho se define antes de tudo pelos lugares que ele escolhe. É aquele que sabe estar estavelmente e por longo tempo na presença de Deus e que sabe ir ali onde há maior necessidade e ninguém está disposto a ir. Assim no curso do tempo nós nos colocamos à disposição dos atingidos pela peste, partimos para as missões que a Igreja nos confiou ao longo dos séculos, estivemos e continuamos a estar, vizinhos aos emigrantes, permanecemos em lugares dos quais todos partem porque as condições de vida se tornam sempre mais difíceis e impossíveis. Neste ponto a nossa Ordem escreveu e está ainda escrevendo, páginas gloriosas. Mas sabemos que os lugares onde há maior necessidade mudam continuamente e para podermos estar disponíveis para uma nova chamada da parte do Senhor, devemos manter-nos vigilantes, com “os cintos atados” (Lc 12, 35), dispostos a partir outra vez para novas fronteiras. A Formação Permanente deve nos ajudar a viver e a renovar continuamente a fidelidade a estas duas realidades. Ela nos habilitará a viver certas perdas mesmo as dolorosas sem grande sofrimento na alma. Recordemo-nos disto: o

nosso carisma não está ligado a conventos e estruturas plurisseculares, mas às pessoas que o encarnam nos lugares dos quais falei acima: diante de Deus e a serviço do mais pobre.

2.3 CRESCIMENTO ESPIRITUAL

18. O crescimento espiritual também requer de cada um de nós manter-se no caminho. Chamados a estar preparados pois não sabemos em que hora o Senhor passa e nos chama. Sem um profundo senso de abertura e de mobilidade interior, dificilmente notaremos que alguém está batendo em nossa porta e pede para entrar para pôr-se à mesa conosco⁷. Considerando ainda que seus caminhos não são os nossos e os nossos pensamentos não são os seus⁸, seria imperdoável permanecer numa atitude de imobilidade interior. Como nós permitiremos a Deus entrar em nossa vida, manifestar-nos a sua alteridade e conduzir-nos por vias nunca percorridas, se permanecemos numa atitude de cômoda indisponibilidade? O encontro com o Deus vivo e verdadeiro comporta às vezes numa radical mudança de vida. São Francisco que o diga, a partir do momento em que o próprio Deus o conduziu entre os leprosos. Isso mudou literalmente a sua vida! Considero um dever central e peculiar da Formação Permanente manter-nos abertos para este encontro, tão desconcertante, mas sempre benéfico.

2.4 PREPARAR AS PESSOAS

19. Hoje a Formação Permanente está a cargo de cada Circunscrição, mas é evidente que o número dos frades, as distâncias e as áreas geográficas, levam a que se considere a oportunidade de organizar uma colaboração. É dever dos Superiores Maiores criar as oportunidades para que os frades possam percorrer juntos ou algumas vezes também individualmente este caminho. Semanas de Exercícios espirituais, dias de retiro assim como mais dias de estudo devem fazer parte do que se oferece aos frades para a seu crescimento espiritual, ministerial e profissional. Com a intenção de renovar-nos continuamente e de viver com coerência a nossa vida devemos nos sentir no dever de participar do que é oferecido. Neste sentido se pode afirmar tranquilamente que a Formação

⁷ Cfr. *Apocalipse*, 3, 20.

⁸ Cfr. *Isaias*, 55,9.

Permanente torna-se a mãe de qualquer outro tipo de formação. Quem está a caminho e não se descuida de aprender, participa de quanto lhe é oferecido para prosseguir celeremente seu percurso, torna-se um exemplo vivo e credível do que significa ser capuchinho hoje e torna-se fonte de referência para quem entrou há pouco no caminho da formação inicial.

20. Como em toda Circunscrição é prevista a figura do Ecônomo Provincial ou a do Animador Vocacional, eu me pergunto: Não é o caso de prever também a figura do irmão que se empenhe em planejar e a propor momentos de Formação Permanente? Claramente, ele não deverá substituir o Ministro, mas em acordo com este e com o seu Conselho, deverá dar continuidade e consistência às propostas de Formação Permanente para não se limitar a um fato esporádico. Na comunidade local é o guardião o irmão chamado a animar a fraternidade, sobretudo convocando-a com regularidade para celebrar o Capítulo local, momento essencial para a nossa Formação Permanente. É necessário portanto dar aos guardiães uma formação adequada. A sua convocação periódica deveria ser um lugar privilegiado, para oferecer-lhes instrumentos adequados e necessários para que assumam com responsabilidade e serenidade a tarefa a eles confiada.

21. Tornou-se uma prática comum, aqui e ali, que um frade, terminado um prolongado período de serviço, peça para dispor de um tempo sabático, um tempo para dedicar a si mesmo, em vista de uma renovada disponibilidade para quanto lhe for pedido para fazer. Considero isto bastante salutar, desde que os conteúdos e as modalidades deste período sejam estabelecidos em acordo com o Ministro e seu Conselho. Parar e aprofundar aspectos profissionais, teológicos ou espirituais tendo já uma longa e rica experiência, pode acrescentar muito a quem o faz.

22. É também tarefa dos Superiores Maiores identificar quais frades devem ser destinados a percursos de especialização para poder dispor de frades qualificados capazes de acompanhar a caminhada de crescimento integral dos confrades. As Circunscrições que não oferecem os estudos de filosofia e teologia, em geral não sentem a urgência de preparar irmãos para o ensino. Isso leva necessariamente a um empobrecimento do nível cultural da Circunscrição e de toda a Ordem. É um verdadeiro pecado, pois um bom nível cultural nunca causa dano a ninguém! É certo que se requer sempre o espírito de oração, mas

salvaguardando este, a presença de irmãos qualificados e competentes pode transformar-se numa bênção para todos.

2.5 QUAIS TEMAS A TRATAR?

23. Existem temas que eu chamarei de “obrigatórios” a serem tratados com regularidade nos vários percursos de Formação Permanente. Dizemos bem que a Eucaristia é o centro em torno do qual gira toda a nossa vida fraterna, mas se não paramos para aprofundar as várias dimensões, se nunca nos interrogamos sobre o nosso modo de celebrar, a Eucaristia corre o risco de passar do centro para a periferia. Isso vale também para a nossa vida de oração, tanto a comunitária quanto a oração mental. De tempos em tempos um bom curso, com exercícios práticos sobre a oração contemplativa, não prejudica ninguém. É o caso de recordar aqui a afirmação das nossas Constituições: “A oração mental é mestra espiritual dos frades (...).”⁹ A mesma coisa se diz da Palavra de Deus, tão rica de repercussões e propostas! Mas é preciso, que de tempos em tempos seja permitido o acesso a estes tesouros mediante abordagens novas e competentes, dando particular atenção à *Lectio divina*. E também não deveremos descuidar das ciências humanas, que nos podem ser de ajuda na impostação correta das relações entre nós. Todos os aspectos da nossa vida fraterna, sem exclusão, deveriam ser objeto, de tempos em tempos, de um aprofundamento comum.

24. Devemos estar atentos a não nos preocupar unicamente com os temas legais de nossa vida *ad intra*! Não podemos permanecer indiferentes diante daquilo que aflige grupos de pessoas ou mesmo todo um povo. Penso em particular no drama daqueles que são obrigados a deixar seus países por motivos de guerra ou de perseguição ou na busca de uma existência mais digna. Toda vez que nos colocamos a serviço dos emigrantes, especialmente os mais pobres e indefesos, estamos no lugar certo. Para abrir os olhos sobre o que ocorre seja em escala local ou global, é preciso informar-se e pedir a intervenção de quem se ocupa destes temas de maneira profissional. Temos o Departamento de *Justiça, Paz e Salvaguarda da criação* e *Franciscans International*, que fazem um ótimo trabalho mas permanecem mais na sombra porque falta o interesse da parte dos frades. Neste contexto somos também chamados a refletir de tempos em

⁹ *Const.* 52, 6.

tempos, sobre como pensamos em viver o nosso voto de pobreza com todas aquelas implicações que exige o nosso viver “sem nada de próprio”.

25. A consagração nos chama a realizar as atividades que nos são confiadas de modo adequado e profissionalmente irrepreensível. Não basta ter sido ordenado sacerdote, e eu digo como exemplo, para ser de fato um bravo capelão de hospital ou um bom pregador. Assim como não basta ter tido uma preparação básica para poder desenvolver por tempo indeterminado uma atividade. Não deve faltar o senso de profissionalidade e portanto o dever de uma adequada e periódica atualização. Existem lugares onde muitos frades são constantemente chamados a servir como confessores. O ministério da misericórdia de Deus caracterizou e marcou profundamente a vida de mais de um santo capuchinho. Por que não nos encontrarmos de tempos em tempos para debater as problemáticas que encontramos ou para aprender uns dos outros como melhorar o próprio serviço? Às vezes falta alguém que tome a iniciativa, o animador! Falando da obediência caritativa, cada um pode tomar a iniciativa, e isso pelo simples fato de que somos irmãos.

26. De modo geral quero recordar que de alguns anos para cá, em nossa casa de Frascati temos: cursos centrados na redescoberta das nossas raízes e que são oferecidos às várias áreas da Ordem; cursos para formadores (faz algum tempo que estes cursos são realizados nas próprias áreas onde trabalhamos); cursos para guardiães; cursos para confessores. A proposta e a organização dos vários cursos é um serviço feito pelos confrades do Departamento Geral da Formação, aos quais vai o nosso agradecimento particular.

2.6 JERUSALÉM: UMA NOVA OPORTUNIDADE

27. Antes de concluir esta carta, quero informar a todos os frades da Ordem que temos finalmente, em Jerusalém um Centro de acolhimento bem preparado que vos espera. Em 28 de setembro de 2010 tivemos a alegria de inaugurar o novo Centro de Espiritualidade e Formação Bíblica, “Eu sou a luz do mundo”, realizando um sonho que os meus predecessores tanto cultivaram. O convento de 1930, não podia ser utilizado para Casa de Formação, pois primeiro foi transformado em prisão e em seguida foi destinado a uma clínica psiquiátrica. O imóvel, após ser legalmente recuperado há alguns anos, graças à Providência, agora foi todo renovado. Nele temos 40 quartos além dos espaços comuns:

capela, sala de recreação, sala de conferências, refeitório, cozinha e um amplo jardim.

28. Atualmente a fraternidade é composta em sua maioria de frades da Província de Veneza, que nestes anos, juntamente com frei Pascoal Rota, da Província da Lombardia, cuidaram e asseguraram a nossa presença em Jerusalém. Ali estão também alguns frades que estudam nos Institutos especializados em Ciências Bíblicas de Jerusalém. Agora que o Centro pode receber um bom numero de pessoas, vamos colocá-lo à disposição das Circunscrições da Ordem para Cursos de formação bíblica, exercícios espirituais, peregrinações aos lugares Santos. O novo Centro foi dedicado a dois frades capuchinhos: o Beato Giacomo de Ghazir, o frade da Caridade, que em seu tempo colaborou na aquisição do terreno e a Frei Pierre-Marie Benoît, distinguido com o título de “Justo entre as Nações” por ter salvado a vida de milhares de hebreus na última guerra mundial. Dois frades que com iniciativas inteligentes e muitas vezes pondo em risco a própria vida deram resposta a necessidades imperativas em seu tempo. Eles deram a vida pelos outros sem tergiversar! Tão logo seja possível a direção do Centro vos informará sobre as iniciativas concretas e as propostas organizadas, postas à vossa disposição.

3. Concluindo

29. Como disse inicialmente, a finalidade desta Carta não era ser um tratado sobre a Formação Permanente mas antes, a de suscitar novo interesse por ela e motivar uma regular participação. Está em jogo um aspecto fundamental do nosso caminho de fé, nascer do alto, como disse Jesus a Nicodemos: “Em verdade, em verdade te digo, se alguém não nasce do alto, não poderá ver o Reino de Deus” (Jo 3, 3). Agora somos todos conscientes de que se pode ser praticante sem ser crente. O evangelista são Lucas afirma de Zacarias e Isabel que “ambos eram justos diante de Deus e observavam de modo irrepreensível todas as leis e as prescrições do Senhor” (1, 6). Porém quando o anjo anuncia a Zacarias que a sua oração foi ouvida e que eles teriam um filho, Zacarias duvidou. E o anjo lhe disse que ele ficaria mudo até o cumprimento da promessa e isto “porque não acreditaste nas minhas palavras” (1, 20). “Crer” e “nascer do alto” não são dimensões que possamos dar como evidentes e sabidas, pelo simples fato de ter abraçado a vida religiosa na Ordem Capuchinha.

30. Para recorrer a uma outra imagem bíblica, faço referência ao patriarca Jacó, que fugiu da casa por medo de Esaú, seu irmão, esteve longos anos com seu sogro Labão, e novamente fugiu deste último. Quando finalmente se decidiu por retornar para junto de seu irmão, antes de atravessar o rio Jaboc, travou uma luta com Deus durante toda a noite e ficou marcado pelo resto da vida (Gen 32, 23-32). Pode muito bem acontecer que também tu estejas continuamente fugindo, que tu estejas seguindo uma estrada que não é exatamente aquela que o Senhor tinha previsto para ti. Irmão, já é hora de retornar, de avançar para águas mais profundas (Lc 5, 4), não tenhas medo de encontrar “o Deus vivo e verdadeiro”, de lutar com Ele e de afirmar com o profeta Jeremias: “Tu me seduziste Senhor, e eu me deixei seduzir! Foste mais forte do que eu e me subjugaste!” (Jer 20, 7). A meta primeira da Formação Permanente deve ser exatamente esta: pôr-nos na reta via ou fazer-nos decisivamente dar um passo adiante em nosso compromisso de vida religiosa. É o próprio Senhor que te diz: “Levanta-te e caminha!” (Mt 9, 5).

Frei Mauro Jöhri,
Ministro Geral OFMCap

Roma, 29 de novembro de 2010,
Festa de todos os santos da Ordem Seráfica.

Sommario

1. Formar-se continuamente – por que?	7
1.1 Uma questão de fidelidade	7
1.2 Cada idade tem o seu desafio	8
1.3 Busquemos ajuda	10
1.4 A fé que muda.....	11
2. As modalidades de um caminho dinâmico de Formação Permanente	14
2.1 Um projeto unificador	14
2.2 Disponhamo-nos a enfrentar juntos os novos desafios	15
2.3 Crescimento espiritual	17
2.4 Preparar as pessoas.....	17
2.5 Quais temas a tratar?	19
2.6 Jerusalém: uma nova oportunidade	20
3. Concluindo.....	22

